

SOLIDÃO TOTAL: HANNAH ARENDT E OS FUNDAMENTOS DO TOTALITARISMO¹

Total Loneliness: Hannah Arendt and the Foundations of Totalitarianism

Roger Berkowitz²

Hannah Arendt decidiu responder à pergunta “O que é o totalitarismo?” olhando para o nazismo e o bolchevismo, os dois movimentos totalitários que marcaram a primeira metade do século XX. Ela entendia que o totalitarismo pretendia a evisceração total da liberdade. O governo totalitário visa o “domínio total de toda a população da terra, a eliminação de toda realidade rival não-totalitária”³. Uma vez que uma pessoa que pode pensar e mudar de ideia romperia o controle totalitário da realidade, a dominação total deveria obliterar a espontaneidade e a liberdade. O esforço totalitário é por transformar a pluralidade de pessoas em uma unidade; é “fabricar algo que não existe, isto é, um tipo de espécie humana que se assemelhe a outras espécies animais, e cuja única ‘liberdade’ consista em ‘preservar a espécie’”⁴. A perda total da liberdade externa e interna é o motor da dominação total.

Origens do Totalitarismo apareceu em sua primeira edição em 1951. Segundo o próprio relato de Arendt, estava incompleto. Ela escreveu: “havia certos conhecimentos de natureza estritamente teórica, intimamente ligados à minha análise dos elementos do domínio total, de que eu não dispunha quando terminei o manuscrito original”⁵. Por mais brilhante que fosse o livro original em sua investigação das origens e características do totalitarismo, faltava-lhe uma compreensão do próprio totalitarismo.

Arendt voltou à questão do totalitarismo em uma série de artigos e rascunhos a partir de 1952. Mais importante, em “Ideologia e Terror”, Arendt procurou “apresentar ao público alemão as principais conclusões a que chegou ao estudar as catástrofes a que eles tinham sobrevivido de uma forma ou de outra tão recentemente”. Ela apresentou o artigo em palestras em junho e julho de 1952 em Tübingen, Colônia, Frankfurt e Heidelberg⁶; ela também apresentou uma versão de “Ideologia e Terror” em inglês em Manchester, Inglaterra. Em 1955, ela incluiu “Ideologie und

¹ Tradução João Batista Farias Junior

² Academic Director. Hannah Arendt Center for Politics and Humanities at Bard College. Professor of Politics, Philosophy, and Human Rights at Bard College E-mail: berkowitz@bard.edu

³ OT, Edição brasileira página 442.

⁴ OT, Ed. Brasileira, pag. 488.

⁵ OT, P. 340

⁶ Hahn e McFarland especulam que é possível que Arendt tenha começado a escrever o texto algum tempo antes, em inglês, mas eles não têm certeza. Sobre isso ver: Hahn, Barbara; McFarland, James. "Commentary," in Hannah Arendt, *The Modern Challenge to Tradition: Fragmente eines Buchs*, in "Hannah Arendt, Kritische Gesamtausgabe," vol. 6 Complete Works. Critical Edition. edited by Barbara Hahn, Hermann Kappelhoff, Patchen Markell, Ingeborg Nordmann und Thomas Wild (Wallstein Verlag, 2019) 611-613; 606.

Terror” como um novo capítulo final na edição alemã do livro e em 1958 ela o anexou como um epílogo à segunda edição em inglês. “Ideologia e Terror” é, como Barbara Hahn e James McFarland escrevem, “uma das declarações mais importantes de Arendt”.

“Ideologia e Terror” apresenta quatro argumentos-chave na descrição do totalitarismo. Em primeiro lugar, reafirma a visão de Arendt de que o totalitarismo é uma nova forma de governo, distinta da tirania, despotismo e fascismo. Arendt escreve sobre a “originalidade estonteante dos métodos totalizantes de organização” e a “originalidade extraordinária dos métodos totalizantes de dominação e organização”. Tanto na Alemanha nazista quanto na Rússia soviética bolchevique, o totalitarismo “desenvolveu instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, jurídicas e políticas do país”. O impulso para a dominação total não é simplesmente pacificar e controlar uma população – como os tiranos do passado queriam – mas organizar um povo de acordo com uma única ideia animadora.

A originalidade do totalitarismo sugere que ele está ligado à era moderna, de modo que os perigos do totalitarismo não desaparecerão simplesmente porque o nazismo e o bolchevismo foram derrotados. O totalitarismo não é um fato acidental. Não é “nenhuma ameaça de fora, nenhuma consequência de alguma política exterior agressiva da Alemanha ou da Rússia”⁷. Não é simplesmente o resultado de líderes carismáticos chamados Hitler e Stalin e “não desaparecerá com a morte de Stálin, como não desapareceu com a queda da Alemanha nazista”⁸. O totalitarismo está enraizado nos “verdadeiros problemas de nosso tempo”. E esses problemas “não podem ser compreendidos, muito menos resolvidos, sem o reconhecimento de que o totalitarismo se tornou a maldição deste século apenas porque cuidou de seus problemas de maneira tão aterrorizante”. Os problemas do nosso século – os problemas do atomismo⁹, da falta de moradia, do desenraizamento e da solidão – criam massas de pessoas que acham a anomia da realidade insuportável e anseiam por um mundo ficcional melhor, que responda melhor às suas necessidades de propósito e significado. A razão pela qual o totalitarismo não desaparecerá e a razão pela qual devemos confrontá-lo em sua realidade concreta é que ele surge como uma resposta significativa e radicalmente original à condição humana moderna.

Em segundo lugar, os sujeitos totalitários são moldados para se ajustar às leis dos movimentos totalitários pelo terror. O terror é a essência do governo totalitário porque o totalitarismo se baseia na negação mais radical da liberdade. A tradicional negação da liberdade “é comum a todas as tiranias e não tem importância primária para a compreensão da natureza peculiar do totalitarismo”. Mas nas tiranias, as pessoas ainda são livres para se reunir entre os amigos e levar uma vida privada digna. Somente no totalitarismo o terror busca aterrorizar completamente aqueles que se desviam da ideologia determinada, para que eles abandonem sua capacidade humana da

⁷ OT, p. 512.

⁸ OT, p. 512.

⁹ N.t.: Aqui o autor se refere às questões políticas, militares e científicas em torno da energia nuclear.

espontaneidade. O terror é a essência do governo totalitário porque a “cinturão de ferro do terror” elimina toda iniciativa humana. O terror neutraliza, assim, toda oposição humana ao domínio total do homem por um movimento ideológico.

“Terror”, escreve Arendt, “é a realização da lei de um movimento.”¹⁰ É também a “execução de uma lei do movimento cujo fim ulterior não é o bem-estar dos homens nem o interesse de um homem, mas a fabricação da humanidade”¹¹. O movimento nazista procurou criar uma nova espécie de mestres arianos. Isso exigia que as subespécies fossem identificadas e eliminadas. Mesmo quando os judeus são inocentes de qualquer oposição ao nazismo, eles são seus inimigos objetivos; como seres naturalmente decadentes, sua presença é uma afronta à superioridade dos arianos. É no esforço de cumprir a “lei da natureza”, que torna os arianos superiores, que os judeus devem ser mortos.

De forma semelhante, o movimento bolchevique pretendia criar uma utopia comunista livre de classes e propriedade privada. O movimento promete que as leis da história eliminarão as classes e criarão uma sociedade livre destas. Burgueses e aristocratas decadentes devem ser mortos para cumprir as leis históricas do materialismo dialético. Em ambos os casos, o terror nomeia os meios pelos quais pessoas subjetivamente inocentes podem ser mortas em nome de leis superiores da natureza e da história. “O terror é a legalidade quando a lei é a lei do movimento de alguma força sobre-humana, seja a Natureza ou a História.”¹²

Terceiro, se o terror é a essência do governo totalitário, a ideologia é o seu princípio gerador. A ideologia é uma pseudociência caracterizada não por seu conteúdo, mas por seu compromisso intransigente com a logicidade. Ideologias são “ismos” – caracterizados por uma capacidade pseudocientífica de “explicar tudo e todas as ocorrências deduzindo-as de uma única premissa”. Como um “instrumento de explicação”, as ideologias funcionam de acordo com uma lógica estrita: o racismo, por exemplo, “é a crença de que existe um movimento inerente à própria ideia de raça”, segundo a qual “podem explicar, a contento dos seus aderentes, toda e qualquer ocorrência a partir de uma única premissa”¹³. A partir da simples ideia de superioridade racial dos arianos e inferioridade dos judeus, todos os problemas do mundo podem ser explicados.

O racismo e o marxismo – as duas grandes ideologias apropriadas pelos movimentos totalitários do século XX – empregam diferentes respostas para explicar o domínio dos arianos e do proletariado ao lado da opressão dos judeus e da burguesia. O que eles compartilham como ideologias é a crença de que seu programa particular de desenvolvimento em direção à uma utopia racial ou classista depende do estrito cumprimento da pureza ideológica. Visto que uma ideia é “suficiente para explicar tudo no desenvolvimento da premissa”¹⁴, o pensamento ideológico troca

¹⁰ O.T. p. 517.

¹¹ O.T., p. 517.

¹² OT, P. 517.

¹³ OT, p. 520.

¹⁴ OT, P. 522.

“a liberdade inerente da capacidade humana de pensar pela camisa-de-força da lógica”¹⁵. Quando as ideologias se combinam com o terror, o resultado é um cinturão de ferro que une as pessoas em um sistema lógico totalizante; a ideologia define o sistema e o terror o impõe.

Finalmente, se a ideologia e o terror são a essência e o princípio do governo totalitário, eles não surgem do nada. O totalitarismo, como forma fundamentalmente nova de governo coletivo, deve estar baseado em uma experiência igualmente nova de união humana. O totalitarismo floresce em um determinado deserto. Arendt nomeia esse deserto de solidão.

A solidão, é claro, não é um fenômeno novo. Mas Arendt argumenta que a solidão se transformou durante a era moderna. Ao longo da história humana, a solidão foi uma “experiência fronteiriça, sofrida geralmente em certas condições sociais marginais como a velhice, passou a ser, em nosso século, a experiência diária de massas cada vez maiores”¹⁶. Sim, havia pessoas solitárias, mas a maioria das pessoas não ficava sozinha na maior parte do tempo.

A partir da era moderna, no entanto, a solidão se tornou um fenômeno de massa com uma dimensão metafísica. Cada vez mais as pessoas se sentem à deriva em meio à falta de propósito da vida humana, em meio à morte de Deus e à quebra da tradição. Na primeira versão de *Ideologie und Terror*, a palavra que Arendt usa para descrever o sentimento de solidão é *Verlassenheit*, ou abandono. “A experiência fundamental na qual o terror se apoia como a essência da dominação totalitária e o pensamento ideológico-lógico como o princípio de sua ação é o abandono.” Ser abandonado é se perder no mundo e é esse estar-perdido que está na base do surgimento do totalitarismo.

Ao dar sentido aos novos fenômenos da solidão, Arendt os distingue tanto da solidude quanto do isolamento. Solidude é quando você está sozinho, mas pensando consigo mesmo e, portanto, engajado com outra pessoa. Arendt cita Catão, que diz: “nunca ele ficou menos sozinho do que quando estava consigo mesmo (ou em solidude)”, o que ela glosou como, “nunca ele foi menos solitário do que quando estava sozinho”. O solitário pode estar sozinho, mas não está sozinho porque ela está consigo mesma: “O homem só, ao contrário, está desacompanhado e, portanto, ‘pode estar em companhia de si mesmo’, já que os homens têm a capacidade de ‘falar consigo mesmos’. Em outras palavras, quando estou em solidude, estou ‘comigo mesmo’, em companhia-do meu próprio eu, e sou, portanto, dois-em-um; enquanto, na solidão sou realmente apenas um, abandonado por todos os outros”¹⁷. Quando se está em solidude você está envolvido e engajado em uma discussão consigo mesmo. Isso é o oposto de estar sozinho.

A solidão também se distingue do isolamento, a experiência que Arendt associa à tirania. É na tirania que alguém é impedido de reuniões políticas em público e é isolado de outras pessoas na esfera política. Estar isolado é ser incapaz de agir coletivamente. O isolamento tem suas raízes em

¹⁵ OT, P. 522.

¹⁶ OT, P. 530.

¹⁷ OT, p. 528.

estados policiais de tiranias, e “uma das principais preocupações de todo governo tirânico é provocar esse isolamento”¹⁸. As tiranias negam a liberdade política a seus cidadãos; são formas desumanas de governo, na medida em que limitam os cidadãos em suas capacidades políticas básicas.

Por pior que sejam as tiranias é um fato que elas fazem parte da longa história da história política humana. A tirania nega a liberdade política, mas permite a liberdade na vida privada; na tirania, pode-se ainda viver livre, na medida em que alguém pode, por exemplo, perseguir seus sonhos pessoais enquanto dançarino, jogador de xadrez ou escritor. Os humanos podem viver sob tirania porque a liberdade continua existindo. O totalitarismo, no entanto, ataca e elimina toda a liberdade humana.

O que é então a solidão se não é nem solitude nem isolamento? Arendt explica em uma nota à margem de uma versão inicial de “Ideologia e Terror” que a solidão não é “um fator psicológico, mas uma forma da condição humana moderna”. É uma forma de estar no mundo, fundamentalmente nova. Acima de tudo, a solidão é a condição de ser abandonado por todos e até por si mesmo. “O desespero da solidão é sua própria mudez, não admitindo nenhum diálogo.” Nem uma conversa com os outros, nem o diálogo comigo mesmo que ocorre na solitude estão disponíveis para a pessoa solitária. Na solidão estou abandonado por toda a companhia humana. ¹⁹

A solidão contribui tanto para a falta de moradia quanto para o desenraizamento da vida moderna. Os sem-teto são aqueles que vivem no mundo sem um lugar a que pertencem. Os sem raízes perderam sua conexão com uma história, uma tradição, um povo e uma família. E o supérfluo simplesmente não importa. “Não ter raízes”, explica Arendt, “não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma.”²⁰ No centro do que significa ser solitário estão os sentimentos de falta de sentido e falta de propósito. Os humanos são seres criadores de significado e não podemos viver separados de uma rede de relacionamentos que dá um propósito às nossas vidas. Viver abandonado, sem propósito e significado, é o destino do solitário.

Ter um sentido, ser importante, é o cerne do que significa ser humano para Arendt. E, assim, uma vida humana significativa é aquela que visa e, em certo sentido, atinge um certo grau de imortalidade. Sigmund Freud disse a famosa frase que “somente a religião pode responder à questão do propósito da vida”. Arendt acrescentaria tradição e política como duas outras maneiras pelas quais os seres mortais podem transcender para o que ela chama de imortalidade terrena²¹. A

¹⁸ OT, p. 526.

¹⁹ OT, p. 527.

²⁰ OT, p. 528.

²¹ Sobre isso, conferir: Roger Berkowitz, "Actions that Deserve to be Remembered: Immortality and Greatness in a Secular World," in *Faith in the World: Post-Secular Readings of Hannah Arendt*, ed. by Rafael Zawisza and Ludger Hagedorn, forthcoming 2020.

morte de Deus e a quebra da tradição ameaçam deixar a humanidade à deriva, sem sentido e solitária. Mas Arendt espera que a política, amplamente concebida como a atividade de construção de um mundo duradouro e comum, possa aspirar a construir coisas imortais na ausência da religião e em meio à ruptura com a tradição. Viver uma vida significativa é ter dito e feito coisas que são lembradas, transformadas em histórias e preservadas após a morte. O que distingue os humanos em sua humanidade é a capacidade de agir com sentido e alcançar uma imortalidade política.

Essa conexão entre o significado pleno da vida humana e a imortalidade pode já ser encontrado em *Origens do Totalitarismo*, onde Arendt argumenta que o único direito humano verdadeiro é o direito de falar e agir em público de maneiras que importem. “A privação fundamental dos direitos humanos manifesta-se, primeiro e acima de tudo, na privação de um lugar no mundo que tome a opinião significativa e a ação eficaz.”²². Ser humano é ter o direito de ser visto e ser ouvido; ser levado a sério; ser significativo; e ser importante. Importar é ser visto e ouvido de uma forma que as ações sejam dignas de serem notadas e lembradas. Ser humano está, em um sentido importante, relacionado à criação de atos memoráveis que o inserirão no mundo público, tanto no presente quanto no futuro.

A significância se correlaciona com a imortalidade porque aqueles que são vistos e ouvidos de forma plena participarão da durabilidade, permanência e, portanto, da imortalidade. O padrão pelo qual a vida humana é medida é “as coisas que são para sempre”. As ações humanas, no entanto, são passageiras. Assim que alguém age, a ação se perde, de modo que a ação humana é uma das “atividades mais fúteis e menos duradouras dos homens”. “Grandeza para grande parte da história humana foi entendida em termos de permanência”, algo que nunca foi uma questão de curso para a ação humana. Ser significativo é ser visto e levado a sério, de modo que a sua memória seja garantida além da vida mortal. Ser humano é construir coisas que duram, contar histórias que imortalizam nossos feitos e criar comunidades políticas que carregam um mundo criado pelo homem em direção ao futuro. O que isso significa que ser humano é lutar por grandes feitos que deixam uma marca duradoura e até mesmo imortal no mundo.

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais residem em sua capacidade de produzir coisas – obras, feitos e palavras – que mereceriam estar e, pelo menos até certo ponto, estão confortáveis na eternidade, de sorte que por meio delas os mortais pudessem encontrar o seu lugar em um cosmos onde tudo é imortal exceto eles próprios. (*A Condição Humana*, p. 24).

Nós, humanos, atualizamos nossa humanidade quando criamos e vivemos artificialmente em um mundo construído de forma humana e que aspira à imortalidade. Todos nós queremos ser importantes e durar além de nossas vidas humanas. Mas apenas alguns de nós estão dispostos a correr o risco de agir e falar em público, feitos que podem levar à fama imortal.

²² OT, p. 330.

A solidão é semelhante à perda de um mundo no qual os humanos lutam pela imortalidade. Relaciona-se ao reconhecimento de Arendt de que “Sem essa transcendência em uma potencial imortalidade terrena, nenhuma política, no sentido restrito do termo, nenhum mundo comum nem domínio público são possíveis.”²³ Contra a transcendência religiosa e filosófica de padrões universais, Arendt imagina outra forma de unidade política baseada naquelas “atividades nas quais os homens se relacionam e se comunicam entre si, isto é, léxico, fala e práxis, ação”. Enquanto os padrões universais de religião e filosofia são indescritíveis e encontrados na “mais verdadeira solidude e, em última análise, na mudez”, a união da política na terra significa “ser pego na teia de relacionamentos e interdependências dos assuntos humanos por meio da fala e da ação”. Para Arendt, a política depende da transcendência; mas contra a tradição filosófica ocidental que busca a transcendência por meio dos universais e contra as tradições religiosas que concebem a transcendência em um universo divinamente criado, Arendt imagina uma transcendência imanente fundada nas relações humanas que criam um mundo comum.

A solidão moderna que Arendt identifica começa na destruição de sonhos coletivos e esperanças comuns. Vivemos em meio ao que Carol Becker chama de um “agora agitado”, uma época em que a narrativa que liga o passado ao presente está quebrada. Em meio ao colapso do mundo comum, há um sentimento sempre presente “de que nossas vidas são descontínuas, de que perdemos o senso de lar que uma vez nos ancorou ao mundo físico, de que interrompemos a continuidade de gerações (as famílias são dispersas pela nação e pelo mundo, tentando permanecer conectados), e que não podemos imaginar um caminho para o futuro”. Dispersos geograficamente, isolados espiritualmente e, acima de tudo, solitários e sem propósito, estamos hoje à deriva e abandonados.

A expressão que Arendt usa para o “conturbado agora” é a “ruptura de nossa tradição”. O fato da ruptura na tradição leva ao que Arendt chama de “lacuna entre o passado e o futuro”. É nesta lacuna – neste espaço onde as tradições não podem mais oferecer as respostas para questões morais e políticas fundamentais – que vivemos hoje. Viver na brecha é ser deixado às voltas com nós mesmos, na ausência de um passado significativo que oriente nosso presente e futuro. “A crise do mundo atual”, escreve Arendt, “declínio da trindade romana de religião, tradição e autoridade, com o concomitante solapamento das fundações especificamente romanas de domínio político”²⁴. Sem religião, tradição e autoridade, temos que pensar por nós mesmos; temos que “pensar sem balastradas”, para usar outra metáfora de Arendt.

Arendt encontra ambos, o perigo e a liberdade, na quebra da tradição. A perda de autoridade, uma vez quebrada, dificilmente será restabelecida. Com a “perda da base para o mundo”, é verdade que “nós deixamos de viver em um mundo comum em que as palavras que

²³ *Condição Humana*, p. 67.

²⁴ EPF, p. 185.

compartilhamos possuem uma significatividade inquestionável”²⁵. A perda da tradição é a perda de um “fio que nos guiou com segurança pelos vastos reinos do passado”. Em meio à quebra de tradição, a política ainda acontece, mas é focada negativamente. Podemos lutar contra a tirania ou a anarquia. Mas existe um “ominoso silêncio anterior que nos responde ainda, toda vez que ousamos perguntar, não ‘contra o que estamos lutando’, mas ‘pelo que estamos lutando?’”²⁶. O que se perde na era moderna é a realidade de um mundo comum compartilhado. A luta política por um ideal político positivo e inspirador não é mais concebível, exceto como um perigoso exercício de nostalgia autoritária.

Arendt viu claramente as implicações políticas da solidão moderna. É em resposta à ameaça de falta de sentido e ao aumento da solidão em massa que surge a possibilidade política do totalitarismo. O totalitarismo é uma resposta às necessidades de uma população que sofre de solidão e deseja pertencer a um mundo significativo. O que o totalitarismo oferece às pessoas solitárias é uma ficção coerente que promete tornar nossas vidas insignificantes em vidas significativas. Contra a alternativa de “enfrentar a crescente decadência, com a sua anarquia e total arbitrariedade”²⁷, o totalitarismo oferece a opção mais atraente de “curvar-se ante a coerência mais rígida e fantasticamente fictícia de uma ideologia”²⁸. Ao prometer uma narrativa totalizante que dá sentido a um povo, o totalitarismo oferece aos solitários o que eles mais desejam. E diante da escolha entre a solidão e a opressão totalitária, as massas solitárias sempre escolherão o totalitarismo, “e isso não porque sejam estúpidas ou perversas, mas porque no desastre geral essa fuga lhes concede um mínimo de respeito próprio”.

Por mais poderosas que sejam as ficções totalitárias, elas são, como ficções, constantemente ameaçadas pela realidade. Elas só podem ser mantidas juntas pelo terror de estados totalitários. É por isso que Arendt adverte que o totalitarismo permanece uma possibilidade sempre presente enquanto continuarmos a viver em um mundo que falha em fornecer sentido ao crescente número de pessoas sem teto e sem raízes.

O desafio de uma política antitotalitária hoje é construir instituições significativas sem o recurso nostálgico aos apoios e pilares de uma tradição quebrada. A transcendência iminente que Arendt tem em mente vem da prática de viver juntos e não de ideais abstratos. Ao responder, ouvir e compreender os outros, a pessoa vai além de sua perspectiva limitada em direção à construção de um mundo comum. Somente neste tipo de transcendência interna podemos confrontar novamente “os problemas elementares da convivência humana”, sem uma confiança religiosa em padrões de comportamento evidentes. O desafio da política na era moderna é construir um centro significativo

²⁵ EPF, p. 132.

²⁶ EPF, p. 55.

²⁷ OT, p. 402.

²⁸ OT, p. 402.

em torno do qual muitos possam se reunir sem cair na tentação totalitária de criar uma fantasia ideológica coerente que precisará ser reforçada com terror.